

## M a t e r

Ei-la!... — senhora e serva, entre humana e divina,  
 Por mais a dor, por dentro, a espanque ou despedace,  
 Carreia a paz no gesto e o sorriso na face,  
 Fala e desvenda o rumo, abençoa e ilumina.

Anjo renovador, tem no lar a oficina,  
 Onde o serviço exclui todo prazer mendace,  
 Ao seu toque de luz, a esperança renasce,  
 Suporta, recompõe, trabalha, sofre, ensina.

Mãe, um dia, quis Deus mostrar-se à vida humana,  
 Fêz-te santa e mulher, escrava e soberana,  
 Vinculada nos Céus, de homenagens prescindes!...

Deus se revela em ti, no amor alto e perfeito,  
 Por isso, trazes, Mãe, nos recessos do peito,  
 A ternura sem par e a bondade sem lindes.

CARLOS BITTENCOURT

## Culpa e resgate

— «Morte ao mouro na roda! Eu, Marquês, determino!...»  
 Bradava Dom Vidal, de flôrea platibanda.  
 E, de cabeça em fogo, a vítima demanda:  
 — «Valei-me, ó Tribunais do Socorro Divino!»

Outros mouros se vão, a regalos de sino...  
 Um dia, Dom Vidal, enquanto se desmanda,  
 Vê a morte chegar... Cede-lhe à força branda,  
 Mas, liberto da carne, é um louco sem destino.

Correm tempos de dor... O fidalgo violento  
 Renasce em provação!... Penúria, sofrimento...  
 Paranóico e obsessivo, exhibe pompa espúria.

Alucinado agora, em turgório singelo,  
 Proclama: «Eu sou Marquês!... Quem roubou meu castelo?»  
 Depois tomba na laje em acessos de fúria...

VALENTIM MAGALHÃES